



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LIZ BARDO

**NOMEAR A SI, DENOMINAR O OUTRO - EXISTÊNCIAS E
RESISTÊNCIAS TRANSMASCULINAS NA ESCOLA**

BRAGANÇA
2026

LIZ BARDO

**NOMEAR A SI, DENOMINAR O OUTRO - EXISTÊNCIAS E
RESISTÊNCIAS TRANSMASCULINAS NA ESCOLA**

Trabalho de Curso apresentado à Universidade Federal do
Pará, Instituto de Estudos Costeiros, Faculdade de Ciências
Biológicas, para obtenção do Grau de Licenciado em
Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos –
UFPA/IECOS/FBIO

BRAGANÇA
2026

LIZ BARDO

NOMEAR A SI, DENOMINAR O OUTRO - EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS TRANSMASCULINAS NA ESCOLA

Este Trabalho de Curso foi julgado para obtenção do Grau de Licenciado em Ciências Biológicas do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará, Instituto de Estudos Costeiros, do Campus Universitário de Bragança.

DATA DA APROVAÇÃO: 29/01/2026

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos – Orientadora
UFPA/IECOS/FBIO/Campus Bragança

Prof. Me. Marcos Allan da Silva Linhares
UFU/PPGED

Profa. Dra. Antônia Lenilma Meneses de Andrade
SEDUC-PA

AGRADECIMENTOS

Deixei para escrever estes agradecimentos por último. Após tantos anos de graduação e tanto tempo de dedicação neste estudo, parece que essa é a parte mais difícil. É que confesso, não sei nem por onde começar este fim de tantos ciclos. Mas dessa vez, vou começar diferente do que estou acostumado. Agora, mais do que antes, começo agradecendo a mim. Clichê, mas real.

Agradeço à pessoa que eu fui, aquela que fez as escolhas (mesmo as equivocadas) que me fizeram chegar até aqui, e que formaram bruta e refinadamente quem eu sou hoje. Daí, agradeço à pessoa que sou hoje, que segue perseverante em seus propósitos, e que possui uma necessária força descomunal, que deu conta de alcançar até os sonhos dos quais eu já havia desistido pouco antes. E por fim, agradeço à improvável pessoa que planejo ser, com o tão sonhado e perseguido título de professor. Que eu possa continuar honrando tudo o que defendo daqui pra frente.

Seguindo, agradeço imensamente à minha orientadora Sandra. Eu já tentei falar pra ela, em vão (porque as palavras nunca serão suficientes pra expressar o que eu sinto), o quão essencial e vital ela foi pra mim, como pessoa. Todas as conversas que tivemos em sua sala me trouxeram luz, sentido, força, calma, propósito. Obrigado por me orientar de forma tão brilhante e competente, e por sempre me enxergar capaz, mesmo quando eu não me via assim - e não foram poucas vezes...

E mesmo com o receio de esquecer algum nome importante, de não fazer jus a alguma parte crucial de todo o processo (de escrita ou de formação), ou de me arrepender de escrever algo aqui posteriormente, estou decidido a nomear todos aqueles que quero e devo agradecer. Espero verdadeiramente um dia ser capaz de recompensar tudo o que vocês fizeram por mim, e torço para que essa minha conquista seja um começo. Minha mãe Thelma, meus amores Ludimyla, Lorrann, Ian, Julia, Dani (Tarja), Lari, Antoni. Minhas cores no arco íris: Lira, Heve, e todos do Coletivo AICA. Aos meninos trans que tanto me apoiaram, à todas as vidas trans que me ensinaram os caminhos para trilhar, mas principalmente, as ferramentas com as quais poderia fazer minha própria trilha. Agradeço também à ENEBio (e aqui vai um montão de gente) por ser o início, o meio, e também parte do “fim” de mais essa formação minha. Leônidas e Roney, obrigado por serem ótimos exemplos de professores pra mim. Obrigado a cada um que cruzou comigo, que acreditou na minha capacidade, e que me inspirou a continuar.

Por fim, agradeço à UFPA, especialmente aos servidores do campus Bragança e do Instituto de Estudos Costeiros, pela oportunidade de estudar e me formar numa instituição tão renomada e bem referenciada. E agradeço também a você, banca avaliadora! Obrigado por ler meu trabalho e me ajudar nessa etapa tão crucial da minha formação!

À todas as pessoas trans,
em especial aos meninos e não binários,
que tiveram seus sonhos podados pela transfobia.

APRESENTAÇÃO

Enquanto professor de biologia em formação, e sendo uma pessoa trans não binária, sempre me inquietei com a forma ultrapassada que questões referentes à sexualidade e identidade de gênero são trabalhadas na educação básica - isso quando esses temas são desenvolvidos de maneira formal no currículo... Acredito que uma das razões para o ensino de biologia ainda se manter tão engessado e excludente vem da falta da discussão desse tópico durante a própria formação docente. Lógico, não é a única razão: a transfobia naturalizada contribui, e muito, para a omissão dessa pauta em todos os ambientes possíveis, porém essa causa citada é crucial. Foi dentro do movimento estudantil da biologia - ou seja, com outros futuros biólogos-professores - que compreendi (e aprendi na prática) que a biologia pode ir muito além do que ela abarca. Não só pode, como deve, se queremos realmente alcançar o que almejamos nas lutas ambientais - e sociais, por consequência, mesmo que muitos esqueçam desse aspecto.

Porém, a falta dessa discussão no currículo também tem suas razões, e uma delas é o desfalque de pessoas trans acessando o ensino superior enquanto produtoras de conhecimento, reivindicando suas existências e epistemologias, e principalmente, sendo ouvidas e respeitadas. O cenário de pessoas trans presentes no ensino superior têm mudado gradativamente, de uma forma muito positiva, contudo ainda muito insuficiente. Todos esses fatores (e muitos outros não citados) levaram-me a recorrente sensação de ser como um “peixe fora d’água”, dentro de um curso e de um campus que faziam de tudo (direta ou indiretamente) para me ver fora daquele espaço. Ou, caso permanecesse dentro dele, me fazer sentir, no mínimo, que eu era um intruso inadequado.

Apesar dos muitos contratempos, eles não tiraram um dos prazeres mais relevantes que carreguei comigo: o de ser professor. Dentro dos estágios supervisionados e do PIBID¹ foi que me dei conta que eu poderia sim construir um espaço para mim na docência, pois entendi que minha presença e experiência fariam a diferença que eu tanto desejava. E foi assim que eu cheguei a este estudo. Eu queria fazer valer a minha persistência naqueles espaços, usar dos meus tantos privilégios para legitimar (ao menos academicamente) as vidas de pessoas trans, e incomodar de volta um pouco que fosse com a minha pesquisa. Gostaria também de contribuir com o debate sobre as transmasculinidades, identidade e comunidade que tanto me abraçou e contemplou, dando sentido à minha existência e permanência nessa formação. Aproveito para destacar a relevância deste trabalho, pela diferencial ênfase nas particularidades das vivências transmasculinas, tão pouco

¹ Programa Institucional de Iniciação à Docência, do qual faço parte como professor estagiário em uma escola de Educação Básica em Bragança, Pará.

exploradas. Meu propósito com esta pesquisa foi trazer à luz histórias de meninos trans e suas estratégias de resistência dentro da escola, frente às inúmeras violações que sofremos diariamente.

Por fim, esse relato de pesquisa foi formatado como artigo científico para ser submetido ao X Encontro Nacional de Ensino de Biologia - ENEBIO, o maior evento científico de ensino da América Latina, realizado a cada dois anos pela SBEnBio – Associação Brasileira de Ensino de Biologia. O evento acontecerá em agosto na Universidade Federal da Paraíba, na capital João Pessoa, e será submetido para comunicação oral pelo eixo “Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia”. As orientações dirigidas aos autores para essa submissão encontram-se como apêndice no final do documento. A elaboração desse trabalho acadêmico segue as determinações da Instrução Normativa nº 05 de 21 de dezembro de 2023 que regulamenta o Trabalho de Curso (TC) no âmbito dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Pará.

NOMEAR A SI, DENOMINAR O OUTRO - EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS TRANSMASCULINAS¹ NA ESCOLA

NOMBRAR A SÍ, NOMBRAR AL OTRO - EXISTENCIAS Y RESISTENCIAS TRANSMASCULINAS EN LA ESCUELA

Liz Bardo

Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto de Estudos Costeiros (IECOS)
lizbardog@gmail.com

Sandra Nazaré Dias Bastos

Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto de Estudos Costeiros (IECOS)
sbastos@ufpa.br

RESUMO

Gênero é uma produção histórica e sociocultural, que cria corpos aceitáveis e inaceitáveis. O corpo trans seria um desvio errante do corpo cis, e essa visão equivocada é reforçada pela escola e aulas de biologia. Sabendo que discurso tem poder, é importante ouvir pessoas trans sobre suas identidades. Então, três homens trans foram entrevistados sobre sua trajetória na educação básica, para compreender mais as perspectivas da escola para esses corpos. Analisando seus discursos, foi possível perceber como a nomeação (de si e do outro) é uma forma de poder sobre esses corpos. **Palavras-chave:** formação de professores; ensino de ciências; transgeneridade.

Eixo temático: 7 - Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: Pesquisa acadêmica.

RESUMEN

Género es una construcción histórica y sociocultural que crea cuerpos aceptables y inaceptables. El cuerpo trans se percibe como una concepción desviada del cuerpo cis, y esta visión errónea se refuerza en las escuelas y clases de biología. Sabiendo que el discurso tiene poder, es importante escuchar a personas trans sobre sus identidades. Por tanto, se entrevistó a tres hombres trans sobre sus experiencias en educación básica para comprender mejor las perspectivas de la escuela sobre estos cuerpos. Fue posible percibir cómo la autodenominación (de si mismo y de los demás) es una forma de poder sobre estos cuerpos. **Palabras clave:** formación de profesores; enseñanza de ciencias; transgeneridad.

Eje temático: 7 - Inclusión e interseccionalidad en la enseñanza en ciencias y biología.

Modalidad: Investigación académica

¹ “Transmasculinidade” é um termo amplo que engloba identidades masculinas construídas dentro do espectro da transgeneridade, como homens trans e pessoas não binárias alinhadas ao masculino.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Assim como Pagan (2018, p. 74), “com a tomada de consciência sobre minhas singularidades, descobri-me como o centro do meu processo produtivo”. É a partir das minhas qualidades, e do meu entendimento da minha identidade de gênero como não binária, que desenho meu trabalho de pesquisa. Somam-se a isso minhas vivências não só em sala de aula como professor em formação no campo da Biologia, Ciência que pretensamente se propõe ao estudo da vida, assim como militante em coletivos que pautam direitos humanos e ambientais. Escrevo movido pelo incômodo, pela indignação e pela esperança. Um incômodo de não me ver representado na vida que é ensinada, uma indignação por notar que esse ensino reforça a invisibilização daqueles que, como eu, desafiam e subvertem a ordem vigente de gênero, e uma esperança em saber que contribuo aqui para um ensino de Biologia e Ciências mais crítico e inclusivo.

O que é ser mulher? E o que é ser homem? Existe outra ou mais possibilidades de *(uma pessoa e seu corpo)* ser? Respostas para tais questionamentos não são tão óbvias, apesar do senso comum nos dizer que sim. Para este senso comum, que compõe a visão hegemônica de nossa sociedade, as prováveis respostas provavelmente seguem a lógica: “vagina–mulher–feminilidade versus pênis–homem–masculinidade” (Bento, 2011, p. 553). Porém, a comunidade científica e movimentos sociais entendem que gênero é uma construção, não simplesmente um aspecto biológico. Berenice Bento (2011, p. 550) diz que “aquilo que evocamos como um dado natural, o corpo-sexuado, é resultado das normas de gênero. (...) O gênero, portanto, é o resultado de tecnologias sofisticadas que produzem corpos-sexuais.”

Gomes e Dionor (2025, p. 2) explicam que gênero é “estruturado em normatividades construídas ao longo da história, que enuncia certas possibilidades de corporeidades aceitáveis”. E como “a diferença gera aquilo que ela proíbe” (Bento, 2011, p. 552), por existirem corporeidades aceitáveis, existem as que não são aceitáveis. Vieira e Nolasco (2020, p. 175) complementam que a produção de corpos ditos abjetos²

² Para Judith Butler “as tipologias são exatamente o modo pelo qual a abjeção é conferida: considere-se o lugar da tipologia dentro da patologização psiquiátrica. Entretanto, prevenindo qualquer mal-entendido

possibilita a inteligibilidade desses mesmos corpos. “Paradoxalmente, eles passam a existir. E dessa existência passam a resistir.”

Sendo gênero uma produção, pode ser entendido como identidade e aqui é importante pontuar que, ao tratar de identidade, falamos sobre identidade cultural, conceito que compreende que a identidade é produzida “por meio da diferença e não fora dela.” (Hall, 2014, p. 110). Portanto, identidade não serve apenas para os corpos e sujeitos desviantes, mas também está presente nos corpos e sujeitos correspondentes à “norma”, pois um depende do outro para existir. É assim que Preciado (2022) nos provoca quando questiona:

Mas por que vocês estão convencidos, queridos amigos binários, que só os subordinados têm uma identidade? (...) Sua identidade leve e anônima é o privilégio da norma sexual, racial e de gênero. Ou todos nós temos uma identidade, ou não há identidade.(...) Ser marcado com uma identidade significa simplesmente não ter o poder de nomear a própria posição de identidade como universal (Preciado, 2022, p. 293)

Para Hall (2014, p. 109), identidade é produzida a partir “dos recursos da história, da linguagem e da cultura” para produzir não aquilo que nós somos, mas aquilo que nos tornamos. O autor também pontua que a identidade é “uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem sequer ser pensadas” (p. 104).

Medrado e Malfrán (2024, p. 90) discorrem sobre a cis-heteronormatividade definindo-a como o “conjunto de forças culturais e institucionais que discursivamente produzem a cisgeneridade e a heterossexualidade como naturais”, deste modo, as regras que definem como norma o padrão cis-hetero são tomadas como “como arma de guerra contra pessoas trans” (p. 88). As autoras refletem ainda que gênero é uma produção colonial que tem legitimado a morte de pessoas trans, pois como Gomes e Dionor (2025, p. 2) complementam, aquelas pessoas que ousam ultrapassar os limites da cisheteronormatividade, “consciente ou inconscientemente, precisam pagar o preço da

antecipado: o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade” (Prins e Meijer, 2002, p. 161).

transgressão”. Medrado e Malfrán (2024) explicam ainda que a aversão ao corpo trans opera a partir do nojo, e organiza corpos cisgêneros, sobretudo heterossexuais, numa posição hierarquicamente superior aos corpos transgêneros, estabelecendo uma separação entre os direitos e acessos. Porém, as “experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas” como descreve Berenice Bento (2011, p. 551).

Desse modo, a existência de corpos/gêneros que divergem pelo não alinhamento à norma e, ao mesmo tempo, que resistem a ela, nos ajudam a questionar a lógica binária que insidiosamente sustenta e hierarquiza a determinação dos sexos/gêneros (Gomes e Dionor, 2025). Nesse contexto que toma uma pretensa norma como padrão a ser seguido, o corpo trans é produzido e visto por meio do erro e a diferença é considerada como desvio (Vieira e Nolasco, 2020). A transexualidade seria, portanto, a materialização do impossível, que transcende a capacidade de compreensão (Bento, 2011). Este fator “irreal” tem sua origem pautada considerando apenas o caráter biológico, que se mostra infundado. Louro (2011) alerta que gênero e sexualidade não podem ser reduzidos “à natureza ou à biologia”, como se fossem um domínio à parte, apartados da cultura. Nas palavras da autora, gênero e sexualidade

são construídos culturalmente e, assim sendo, carregam a historicidade e o caráter provisório das culturas. Aprendemos a ser um sujeito do gênero feminino ou masculino, aprendemos a ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, a expressar nossos desejos através de determinados comportamentos, gestos etc., em muitas instâncias – na família, na escola, através do cinema, da televisão, das revistas, da internet, através das pregações religiosas ou da pregação da mídia ou ainda da medicina (Louro, 2011, p. 64)

Inegavelmente, tais questões estão presentes na escola e atravessam os currículos, como aponta Marín (2021), para quem o ensino de biologia possui discursos, práticas e epistemologias que podem reforçar a exclusão de determinados sujeitos ao marginalizar algumas formas de existir (por exemplo, trans) e colocar corpos (cis) como normais. O autor também critica a versão universal de corpo que a biologia escolarizada

nos apresenta: um corpo branco, magro, geralmente “masculino”, heterossexual, cisgênero, sem fome, deficiências, marcas, cicatrizes ou história.

A escola aqui funciona como instituição de manutenção e reprodução de discursos que visam disciplinar e uniformizar os corpos considerando para tal o padrão hegemônico vigente. Assim, “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (Foucault, 1996, p. 44). A escola é então uma instituição ambivalente, pois tanto é capaz de reproduzir as normas sociais, como também é capaz de transformar a sociedade (Nascimento et al., 2023), e para isso é importante que estejamos atentos a esses arranjos não apenas para estranhá-los, mas acima de tudo, para questioná-los. Nas palavras de Louro (2011, p. 65), “precisaríamos, pois, voltar nosso olhar para os processos históricos, políticos, econômicos, culturais” que legitimam uma identidade como “não-problemática”, e as demais como “diferentes/desviantes”. Diante disso, iniciativas que objetivem problematizar estes assuntos corroboram para a superação de visões simplistas e conteudistas nos currículos de ciências (Nascimento et al., 2023), pois como alerta Pagan (2018, p. 75), “às vezes parece que o currículo de formação de professores nos prepara para entender e gostar mais de biologia do que do aluno que aprende Biologia”.

Importante pontuar que Paiva (2022, p. 26) reparou como “o estigma da prostituição e da marginalidade ainda segue aguçado nas pesquisas”, e que de 23 trabalhos encontrados por ela sobre transgeneridade, apenas 2 foram produzidos por mulheres trans, evidenciando como a academia é muito restrita a essas pessoas, que muito se fala sobre elas, “e elas ainda muito pouco falam por si” (p. 33). Além disso, grande parte dos trabalhos têm um enfoque nas transfeminilidades, demonstrando a escassez dos debates acerca das transmasculinidades. Dito isto, o objetivo principal desta pesquisa foi analisar trajetórias escolares de pessoas trans masculinas para compreender como foi a passagem desses corpos-vida por essa instituição. Especificamente, reflito aqui a respeito do poder da nomeação de si e da frequente negação a esse direito.

ANDANÇAS (DE VIDA E) METODOLÓGICAS

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que utilizou como instrumento de construção de dados a entrevista semi estruturada, visto que as questões estabelecidas previamente sustentam o diálogo com os entrevistados, e são abertas o suficiente para permitir a livre expressão dos mesmos (Lombardi et al., 2021). Nesse caminho, utilizamos um roteiro com sete perguntas para nortear a conversa com os participantes sobre suas vivências na escola, considerando a identidade de gênero trans masculina. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas em seguida. As falas foram organizadas e os trechos significativos foram categorizados em eixos de análise. Neste recorte que ora trazemos vamos analisar a importância do poder de nomear a si na transgeneridade e negação desse direito na escola.

Participaram deste estudo três homens trans, com faixa etária compreendida entre 18 e 24 anos, com os quais tive contato por ser estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, e assim estar inserido na escola pelos estágios supervisionados, e também por ser militante do Coletivo Arco Íris do Caeté (AICA), um coletivo LGBTQIA+ do município. Todos os meninos são de Bragança, cidade do nordeste paraense, e estudaram em escolas públicas durante o ensino básico. Cada um será apresentado por meio de um pseudônimo escolhido por eles mesmos, visto o direito à privacidade que eles possuem.

O primeiro entrevistado se nomeou Luffy, e nos conectamos a partir do Coletivo AICA. Ele tem 24 anos, concluiu o ensino médio em 2020 e o ensino técnico em 2025. Isacc foi o segundo participante, com 22 anos, concluiu o médio e ingressou no ensino superior em 2022 - razão pela qual o conheço. Rafael foi o último colaborador, tem 18 anos, foi meu aluno nos estágios supervisionados do meu curso - ele concluiu o ensino médio em 2025, ano da entrevista. Todos concordaram em participar deste estudo por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que descrevia os objetivos e as condições para participação na pesquisa (Apêndice 3).

O PODER DE NOMEAR A SI E DENOMINAR O OUTRO

O nome antecede o corpo, pois surge antes de nós - o nome demarca um lugar no mundo e na sociedade, norteia expectativas e narrativas dos sujeitos, contudo, “nem sempre toda a perspectiva criada em torno da nomeação de uma criança é por ela assumida” (Paiva, 2022, p. 82). Assim surge um dos poderes mais bonitos da transgeneridade: escolher o próprio nome. Obviamente, não é uma regra para toda pessoa trans, porém é o que se observa na maioria das experiências da comunidade.

Pagan (2018, p. 73) poeticamente nos fala sobre “ensaiar um ponto bastante positivo em ser minoria de gênero”, e um desses pontos é este poder da transgeneridade. Preciado (2022, p. 297) descreve que “fazer uma transição de gênero é inventar um arranjo mecânico com o hormônio ou com outro código vivo”, e diz como o código pode ser também a linguagem. Assim, quando a pessoa trans escolhe outro nome para si, e determina outra forma de flexionar os verbos para falar de si, adotando outros pronomes de tratamento, essa pessoa elabora de forma muito bonita e potente uma das ferramentas de resistência à cisnormatividade binária, de produção diferenciada de gênero. “É uma elevação molecular. Um assalto ao poder do ego heteropatriarcal, da identidade e do nome. É um processo de descolonização do corpo”, como diz Preciado (2022, p. 297).

Contudo, aqui se inicia mais um “paradoxo estrategicamente localizado”, como descrito por Pinheiro (2019, p. 185), na vivência de pessoas trans: o nome social. De acordo com Moreira (2016), a partir de 2008 houve uma onda de portarias estaduais e um decreto federal³, autorizando o uso de nome social nas escolas públicas. No entanto, apesar de todo aparato legal, o uso do nome social nas escolas “não garante a inserção da população transgênera nas demais esferas da vida social, tampouco a protege da violência e exclusão experienciadas no cotidiano” (Moreira, 2016, p. 37).

³ Decreto nº 8.727/16, “dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais”. Acesso em 15/01/2026. Disponível para leitura na íntegra: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm>.

Muitas vezes, o nome social funciona como um “paliativo momentâneo”, um efeito placebo na garantia da cidadania de pessoas trans (Pinheiro, 2019, p. 185). Na realidade das pessoas trans, mesmo com o direito garantido, muitas vezes o uso do nome social é negado, seja pelo impedimento de sua utilização institucionalmente ou simplesmente porque é frequentemente ignorado pela comunidade escolar. Em ambos os casos, temos a falta de respeito à identidade de gênero desses estudantes e contribui para sua exclusão e invisibilização no ambiente educacional. É o que vemos a seguir:

Eu lembro que teve uma professora de ciências. Eu fui falar pra ela, pra ela colocar meu nome do lado lá, meu nome social. Aí ela falou que ela não podia fazer isso, não sei o que mais. Mas eu falei “mano, **mas é algo tão simples. Oxe, como assim você não pode me respeitar, sabe?**” E ela se negou. Se negou e continuou me chamando no meu nome morto (Isacc)

Isacc narra aqui um exemplo clássico do desrespeito ao direito garantido por lei às identidades trans: a professora se recusar a chamar o aluno por seu nome social e a insistência em se apegar ao nome antigo daquela pessoa. Uma violência explícita extremamente comum e que foi mencionada pelos três entrevistados, mesmo quando esse nome é reconhecido pela direção da escola e anunciado para a turma que é o nome que devem considerar a partir de então, como foi o caso de Rafael:

A própria coordenadora uma vez, ela só entrou assim na sala, me chamou, aí ela falou assim “ó, vocês já sabem, né? É *Rafael*, é o certo”. Só que, né, **vai muito de pessoa pra pessoa**. A maioria da minha sala, acho que é meio 50-50, né? Metade sim, metade não. (Rafael)

Aqui, ele relata como mesmo após a colocação explícita da coordenadora, solicitando que os colegas de turma se refiram a ele pelo nome social, nem sempre as pessoas acatam. Essa negativa intencional em tratar a pessoa do jeito que é requisitado por ela, de forma explícita e direta, é o que pessoas trans e movimentos sociais categoricamente nomeiam como transfobia. E essa forma de marginalização também aparece quando as pessoas não respeitam os pronomes aos quais a pessoa se refere. Algumas vezes esse erro acontece de maneira intencional, como fala Rafael.

Me abri mesmo de coração pra eles, mas eu não recebi aquele apoio que eu tava esperando, né? Então... Tá, eu fui deixando pra lá, **ninguém me tratava da maneira que eu queria** (...) As pessoas não me tratam muito no masculino porque eu sinto muitas vezes que elas não querem. Não é nem pelo não saber, **é porque elas não querem** me tratar no masculino (Rafael)

Parece que há aqui, em parte, uma espécie de tolerância às pessoas trans, pois sua existência é condicionada pela conveniência e boa vontade dos demais. Louro (2011, p. 66) nos incita a pensar sobre isso: “Mas pensemos atentamente: quem tolera? E quem é tolerado? (...) Há uma assimetria nessa noção aparentemente tão insuspeita”, pois evidencia que alguém nessa relação se sente superior ao outro. Paiva (2022, p. 87) também pontua que isso é consequência “da prevalência dos objetivos escolares que se moldam à disciplinarização dos indivíduos”, e acaba por compor mais um dos incontáveis exemplos da “asepsia de gênero” (Bento, 2011), pois ao ignorar o pedido, se invisibiliza e desumaniza a existência daquele sujeito.

De qualquer forma, há certo consenso que a existência do direito ao nome social garante acessos - porém, nem sempre a permanência desses sujeitos nas instituições. “A falta desse direito fecha as portas da educação, da saúde e de outros direitos humanos universalizados” (Paiva, 2022, p. 83), e “ações de maior abrangência precisam ir além do nome social, devem compreender um amplo conjunto de ações” (Moreira, 2016, p. 37), pois como Pinheiro (2019) descreve, o nome social não é suficiente para responder à demanda dessa população.

Se por um lado as pessoas trans têm o poder de nomear a si com o nome que desejam e acham mais adequado, elas também são nomeadas pelos outros. Termos pejorativos e ofensivos também apareceram como significativos na vivência escolar das pessoas que entrevistamos.

No ensino fundamental, eu sofria muito. Porque eu era conhecido como **macha fêmea**. (...) E eu era criança, né? (...) Isso percorreu minha vida até eu sair de lá dessa escola. Percorreu porque **muita gente nem me chamava pelo meu nome**, me chamava de macha fêmea (Luffy).

Para Pagan (2018, p. 79), a desumanização acontece quando há uma “ressignificação do outro no campo do animal, em um gradiente de hominização e animalidade”. A expressão “macha-fêmea” é exemplo dessa animalização - e desumanização, por conseguinte. Isacc também mostra como essas interdições apareceram em sua trajetória - e dessa vez, quase que para além do discurso que se materializa na possibilidade da violência física que pretende exterminar o corpo indesejado naquele local:

Eu lembro que, ah, teve até uma vez que um garoto, tipo, ele começou a me chamar de **sapatão**. Tipo, eu tava no, era no intervalo e tava todo mundo assim. E ele começou a me chamar alto. E aí **ele veio tentar socar minha cara**. Do nada. Tipo, eu não conhecia nem o garoto. (...) **Eu vivia escutando comentários, tipo, sabe? Sapatão, sapatão, sapatão, essas coisas.** (Isacc)

É importante pontuar que hoje, o termo “sapatão” (entre tantos outros) é reivindicado como uma terminologia de orgulho e resistência para as mulheres sáficas, porém antes era usado de forma pejorativa, como foi nesta situação, ao enquadrarem o corpo de Isacc num corpo lido como feminino, e sujeito à intimidação.

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque e pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar. Como explica Foucault (1996), todo discurso traduz conhecimento ao mesmo tempo em que cria a possibilidade e o contexto para que aquele conhecimento seja validado. Em suas palavras:

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 1996, p. 8-9)

O poder de nomear, a si e ao outro, reside nessa ideia descrita por Foucault: o discurso enquanto ferramenta no procedimento de exclusão, no disciplinar dos corpos, na definição das normas e consequentemente dos normais e dos anormais. É assim que a cisgeneridade responde ao nomear de forma pejorativa o outro, colocando-o na posição do incômodo, daquele que não deveria estar ali, porque subverte a lógica vigente.

“A produção de seres abjetos e poluentes (...) e a desumanização do humano são fundamentais para garantir a reprodução da heteronormatividade” (Bento, 2011, p. 554), e sendo ela essencial à manutenção da cisgeneridade, é preciso desrespeitar o nome das pessoas trans, assim como, nomeá-las violentamente. No caso de Rafael, o discurso hegemônico *cistêmico* aparece quando lhe é tirado o direito de se autodenominar, e de se nomear como quer. Já com Luffy e Isacc, aparece quando os nomeiam ativamente de outra forma, que desrespeita a identidade reivindicada por eles.

Para Berenice Bento (2011), a desvalorização e patologização de sujeitos e seus corpos são parte do processo de marginalização que os considera como seres abjetos. A autora também diz que “Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica”, e que acaba minando “a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiteraões” (p. 552). Este conceito fica evidente nos relatos anteriores, que mostram como um nome pode “produzir nos sujeitos a incômoda e terrível certeza de que ele não é normal e de que, se ele se sente fora do lugar, é porque não existe lugar para ele” (Bento, 2011, p. 558).

Esses relatos se somam a inúmeros outros, e escancaram uma amarga realidade: a dificuldade em respeitar o nome de uma pessoa trans origina-se da relutância em aceitar que pessoas dissidentes de gênero tenham dignidade e humanidade. E assim, “Corpos trans são *cistematicamente* negligenciados, posicionados à margem”, como bem afirmam Medrado e Malfrán (2024, p. 90).

ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

Sendo a biologia a ciência que investiga e ensina sobre a vida, em toda sua variedade de formas e relações, em que aprendemos exaustivamente o quanto as coisas não são determinadas mas sim contextuais, e a diversidade é aclamada e defendida, por que então ela é ainda usada como justificativa para um preconceito tão repugnante?

Levar essa discussão de maneira coerente e plural para o currículo de biologia é mais que necessário - é urgente e impreterível, pois existem alunos trans nas escolas (por mais que sejam furtivamente ignorados), e essas conversas sobre gênero e sexualidade já estão presentes na juventude há tempos.

Nascimento et al. (2023, p. 1038-1039) reforçam que esses temas que são “silenciados, ou mesmo, apagados das discussões em sala de aula” precisam ser desenvolvidos “a partir de uma abordagem mais humana e problematizadora”. Gomes e Dionor (2025, p. 22) dizem que “é urgente pensar práticas pedagógicas que reconheçam a historicidade e a criticidade do fazer científico, superando a colonialidade do saber e reconhecendo os “Outres Sujeitos” como produtores legítimos de conhecimento”.

Que possamos transicionar a biologia (e a docência!) para conseguirmos de vez entender que nossos corpos não são meros conjuntos de sistemas biológicos, mas sim, são campos de possibilidade, que nos permitem experimentar todas as hipóteses de ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 549-559, 2011.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 21 ed., Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

GOMES, B. R.; DIONOR, G. A. Para Além de um Sentido Bio-Lógico: Relações de Corpo e Gênero em Documentos Curriculares Nacionais e Estaduais de Ciências e Biologia. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, [S. l.], p. e60038, 1–27, 2025.

HALL, S. Quem precisa de identidade? in: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

LOMBARDI, M. R.; PAULA, M. A. B. de; MONTEIRO, M. B. da S.; WADA, M. I. G. A entrevista semiestruturada. *in*: Lombardi, M. R.; Ávila, M. A., de Paula, M. A. B. (Orgs.) **O prazer da entrevista em pesquisas qualitativas**. Curitiba : CRV, 2021.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente - Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011.

MARÍN, Y. A. O. Identidades de género en la enseñanza de la biología: entre la violencia objetificadora de la cisnormatividad y los saberes trans-gresores en sala de aula. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, Dossiê: Gênero, Sexualidade e Ensino de Biologia - entre práticas, políticas e resistências, v.14, n.1, p 334-355, 2021.

MEDRADO, A.; MALFRÁN, Y. O nojo como arma na guerra colonial contra existências trans. **Trivium: Estudos Interdisciplinares** (Ano XVI, n. esp.), p 87-99, 2024.

MOREIRA, J. **Janelas Fechadas: a questão LGBT no PNE 2014**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

NASCIMENTO, N. A. T.; CHAGAS LIMA, T. V.; SOUSA-FÉLIX, R. C.; MARQUES DA SILVA, N. do S.; & BASTOS, S. N. D. Corpo, gênero e masculinidades no ensino de Ciências:(re) leituras do silêncio. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, Dossiê temático: Currículo e ensino de Biologia, v.16, nesp.1, pg 1036-1061, 2023.

PAIVA, F. de M. **(TRANS) viver narrativas de resistência e escolarização**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia, 2022.

PAGAN, A. O ser humano do ensino de biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. **Revista entreideias**, v. 7, n. esp., p. 73-86, 2018.

PINHEIRO, T. D. Do nome social ao nome civil: paradoxos e lacunas de asseguramento da cidadania trans. *in*: BENTO, B. (Org.). **Sexualidade, Gêneros e Violência - estudos sociológicos**. Natal : EDUFRN, 2019, pg. 185-217.

PRECIADO, P. B.; YORK, S. W. Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas. **Cadernos PET Filosofia**, v.22, n.1, pg. 278-331, 2022.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista estudos feministas**, v. 10, n. 01, p. 155-167, 2002.

VIEIRA, A. L.; NOLASCO-SILVA, L. O corpo trans como corpo-imagem-andarilho: resistência, contestação e desestabilização nos/dos cotidianos escolares. **Rev. Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, pg. 172-189, 2020.

APÊNDICE 1

Orientações para os autores



X ENEBIO - ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA
X EREBIO – ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE BIOLOGIA - NORDESTE

Segunda Circular

Cara comunidade de educadoras e educadores em Ciências e Biologia,
Nesta circular, publicizamos o endereço do nosso *site* oficial, divulgamos as principais orientações para elaboração dos trabalhos e as normas gerais para submissões de textos ao **X ENEBIO** e **X EREBIO Nordeste**, que serão realizados de maneira integrada, presencialmente, nos dias **24, 25, 26 e 27 de agosto de 2026** em **João Pessoa**, com sede na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O tema do evento será ***Ensino de Biologia e Cidadania: diálogos entre vida, ciência e democracia.***

Esperamos que colegas interessados/as nos debates sobre Educação em Ciências e Biologia, atuantes nos mais diversos níveis, modalidades e instituições de ensino, possam se organizar para enviarem suas contribuições ao evento. Nosso *site* oficial já está disponível para ser visitado e amplamente divulgado em <https://enebio.com.br/>

1) Das inscrições e submissões de trabalhos completos

O prazo inicial de **submissão de trabalhos** será de **20/10/2025 a 09/02/2026**.

Para submissão de trabalhos, os/as respectivos/as autores/as deverão estar devidamente inscritos no evento. Contudo, não será necessário o pagamento da inscrição até a liberação do resultado da avaliação.

Para maximizar as oportunidades de participação coletiva e valorizar a realização de trabalhos colaborativos, não haverá limite de autores/as por trabalho, nem de trabalhos por autor/a. Todavia, ressalta-se que será vedada a inclusão de novos/as autores/as em um trabalho depois de sua submissão.

Após o resultado da avaliação, todos/as os/as autores/as de textos aprovados deverão realizar o pagamento da inscrição para que os trabalhos possam ser apresentados no evento e, posteriormente, publicados nos Anais. Como o pagamento da inscrição não é requisito para sua submissão, o valor da inscrição não será devolvido caso o trabalho seja recusado após a avaliação ou por qualquer outro motivo.

Caso haja interesse em participar do evento sem a submissão e apresentação de trabalhos, o/a interessado/a também deverá efetuar sua inscrição e realizar o respectivo pagamento para que consolidá-la, conforme os trâmites explicados. É obrigatório o cadastro e o pagamento da inscrição para todos/as os/as participantes.



Os valores das inscrições constam no quadro a seguir e em reais:

Categoria	De 20/10/2025 a 30/04/2026	De 01/05/2026 a 27/08/2026
Docente do Ensino Superior, da carreira EBT ou de Colégios Universitários com filiação ativa à SBEnBio	R\$ 200,00	R\$ 300,00
Docente da Educação Básica de rede municipal, estadual ou privada com filiação ativa à SBEnBio	R\$ 80,00	R\$ 130,00
Estudante de pós-graduação com filiação ativa à SBEnBio	R\$ 80,00	R\$ 130,00
Estudante de graduação com filiação ativa à SBEnBio	R\$ 50,00	R\$ 70,00
Estudante da Educação Básica	R\$ 10,00	R\$ 10,00
Outros profissionais com filiação ativa à SBEnBio	R\$ 80,00	R\$ 130,00
Pessoa sem filiação ativa à SBEnBio	R\$ 400,00	R\$ 500,00

Para ser considerado efetivamente associado/a e poder usufruir do desconto no valor da inscrição no evento, o/a participante deverá estar regularmente filiado/a à SBEnBio e com a anuidade quitada no momento do pagamento da inscrição.

Importante: Para se associar à SBEnBio, atualizar seu cadastro e/ou quitar sua anuidade, acesse o site: sbenbio.org.br

Observação: O IX ENEBIO é um evento sem fins lucrativos e/ou comerciais e, portanto, com financiamento limitado pelas agências e editais de fomento à pesquisa. No cenário atual, de cortes e contingenciamentos financeiros, a previsão é que os principais recursos de seu orçamento serão garantidos pelos valores das inscrições realizadas. Ressalta-se que, em um esforço conjunto da Diretoria Executiva Nacional da SBEnBio e da Comissão Organizadora do evento, os valores da inscrição foram mantidos idênticos aos cobrados para o IX ENEBIO & VII EREBIO MG/GO/TO/DF, que ocorreu em Outubro de 2024 em Belo Horizonte – MG.



No entanto, a SBEnBio está se dedicando ainda mais para favorecer a participação no evento de todas as pessoas. Assim sendo, se, devido às condições econômico-financeiras, o valor da inscrição parecer ser um impeditivo para a submissão de seu trabalho, iremos receber **solicitações consubstanciadas de descontos nas taxas de inscrição impreterivelmente até o dia 1º de março de 2026.**

As solicitações serão avaliadas perante as condições de sustentabilidade financeira do evento e de acordo com as justificadas informadas na solicitação, que devem ser acompanhadas das respectivas comprovações e com uma proposta de desconto a ser pedido. Caso deseje, envie uma mensagem para a organização no endereço enebiojampa@gmail.com com o título "**Solicitação justificada de desconto no ENEBIO**" no assunto do e-mail e apresente seu caso. Os pedidos serão avaliados e respondidos individualmente pela Comissão Organizadora.

2) Da apresentação de trabalhos

Os trabalhos somente poderão ser apresentados por seus autores, que deverão estar com as inscrições efetivadas. Não haverá obrigatoriedade de que a apresentação do trabalho seja realizada pelo primeiro autor, sendo permitido que ela seja feita por outro autor inscrito no evento.

Serão emitidos certificados de apresentação dos trabalhos com identificação de suas respectivas autorias. Todos os trabalhos aprovados e apresentados no evento serão, posteriormente, publicados em Anais com identificação de todas as pessoas autoras.

Modalidades de trabalhos e formatos de apresentação:

Modalidade	Formato de apresentação	Local previsto para realização:
Pesquisa acadêmica	Comunicação oral	UFPB
Relato de experiência	Roda de conversa	UFPB
Produção de materiais didáticos	Exposição/Mostra	Estação Cabo Branco: Ciência, Arte e Cultura
Elaboração de jogos educativos	Rodadas e partidas	Estação Cabo Branco: Ciência, Arte e Cultura

A exposição de materiais didáticos, assim como as rodadas e partidas dos jogos educativos,



serão realizadas em uma **Feira de Ciências** prevista para ocorrer na **Estação Cabo Branco: Ciência, Arte e Cultura**, em contexto de real interação e diálogo com estudantes da rede pública paraibana. Caberá aos/às autores/as dos trabalhos sobre materiais didáticos e jogos educativos providenciar o transporte dos itens até o local e apresentá-los durante a atividade. Também participarão da **Feira de Ciências**, professores/as pesquisadores/as experientes no desenvolvimento e no estudo de jogos e materiais didáticos a fim de dialogar com os expositores, realizando mediações, sugestões e intercâmbios de saberes e práticas.

3) Das normas para categorização e submissão de trabalhos

Para ter seu trabalho aceito na modalidade **pesquisa acadêmica**, a autoria deverá:

- ✓ Redigir o texto sob formato dissertativo e argumentativo com uso da norma padrão da Língua Portuguesa ou da Língua Espanhola.
- ✓ Apresentar a questão e objetivo da pesquisa.
- ✓ Evidenciar a perspectiva teórica com a qual o trabalho foi desenvolvido, argumentando sobre a sua escolha.
- ✓ Relacionar a questão e o objetivo da pesquisa à perspectiva teórica adotada.
- ✓ Explicitar a metodologia da pesquisa e suas relações com a perspectiva teórica.
- ✓ Discutir os resultados da pesquisa em relação à questão e/ou objetivo da pesquisa e à perspectiva teórica e metodológica adotada.
- ✓ Suscitar conclusões ou considerações finais relacionadas à perspectiva teórica adotada, que indiquem as contribuições da pesquisa à Educação em Ciências e Biologia.

Para ter seu trabalho aceito na categoria **relato de experiência**, a autoria deverá:

- ✓ Desenvolver um texto narrativo, com uso da norma padrão da Língua Portuguesa ou da Língua Espanhola.
- ✓ Descrever o contexto onde ocorreu a experiência, no que tange aos seguintes itens: localização espacial e temporal, sujeitos envolvidos, segmento da educação, relação com a formação pedagógica, entre outros aspectos que possam situar o leitor do texto no cenário onde ocorreu a experiência de ensino.
- ✓ Apresentar o caminho percorrido, incluindo os objetivos de ensino, metodologia, estratégias didáticas, etapas da proposta didática, recursos utilizados e dados da realidade que aproximem o leitor da experiência vivenciada.
- ✓ Avaliar e discutir, em diálogo com referenciais do campo da Educação em Ciências e Biologia, a experiência vivenciada, explicitando contribuições para os debates e reflexões da área.

Para ter seu trabalho aceito na categoria **produção de material didático ou elaboração de jogo educativo**, a autoria deverá:



- ✓ Desenvolver um texto descritivo e explicativo, com uso da norma padrão da Língua Portuguesa ou da Língua Espanhola.
- ✓ Apresentar o contexto a que se destina o material (modalidade da educação, segmento de ensino, público-alvo e faixa etária, local e duração da ação);
- ✓ Detalhar o material (objetivos, conteúdos que foram ou podem ser desenvolvidos, metodologia, recursos utilizados);
- ✓ Descrever os referenciais teóricos que fundamentaram a elaboração do material, explicitando limites, possibilidades e contribuições para os debates e reflexões sobre a Educação em Ciências e Biologia, assim como a importância do protagonismo docente nesta ação;
- ✓ Refletir sobre as possibilidades e os desafios didáticos para a reprodução do material, caso ele tente ser reelaborado por outros docentes que nele se inspirem.

Orientações gerais para a redação dos trabalhos

Cada trabalho deverá ter no mínimo 6 (seis) e no máximo 12 (doze) páginas, incluindo título, resumo e bibliografia, formatado em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas de 1,5 e alinhamento justificado.

Serão aceitos textos em português ou em espanhol.

O resumo deverá conter até 100 palavras e de 3 a 5 palavras-chave que precisarão ser informadas. As referências bibliográficas, as legendas e a utilização de quadros, tabelas, gráficos e imagens devem estar de acordo com as normas da ABNT.

O modelo do arquivo (*template*) que servirá de suporte para padronizar a formatação dos trabalhos está disponibilizado no *site*. Trabalhos que não sigam o modelo não serão aprovados.

Os **eixos temáticos** do evento nos quais os trabalhos deverão se inserir são:

1. Currículos de Ciências e Biologia: histórias e políticas educacionais

Trabalhos relacionados às dimensões históricas dos processos de ensino e de aprendizagem de Ciências e Biologia, bem como a questões relacionadas às políticas educacionais, especialmente as de currículo, para o tempo presente, com a Base Nacional Comum Curricular e o Novo Ensino Médio.

2. Estratégias, materiais e recursos didáticos para o Ensino de Ciências e Biologia

Trabalhos sobre abordagens didáticas, métodos e técnicas de ensino de Ciências e Biologia,



suas perspectivas e tendências atuais: ensino por investigação, aulas práticas, experimentação didática, materiais didáticos, aplicações das mídias e tecnologias digitais de informação e comunicação nos processos de ensino e de aprendizagem, dentre outras possibilidades.

3. Formação docente em Ciências e Biologia

Trabalhos que versem sobre discussões relacionadas à formação inicial e continuada de professores de Ciências e Biologia, bem como para desafios, possibilidades e questões relacionadas, por exemplo, ao PIBID, ao PARFOR e aos mestrados profissionais. Considera-se também a transversalidade da formação de professores de Ciências e Biologia para a Educação de Jovens e Adultos, do Campo, Quilombola e Indígena.

4. Linguagens e culturas no ensino de Ciências e Biologia

Trabalhos que olhem para o ensino de Ciências e Biologia e reflitam sobre ele a partir de referenciais das linguagens, dos estudos multi e interculturais e das artes.

5. Divulgação científica e ensino de Ciências e Biologia em espaços não escolares

Trabalhos que invistam nas especificidades da divulgação científica e/ou que agreguem conhecimentos e práticas relacionadas ao ensino de Ciências e Biologia desenvolvido em espaços como museus, centros e clubes de ciências, zoológicos, jardins botânicos, aquários, centros de visitantes de unidades de conservação e organizações não governamentais.

6. Ensino de Ciências e Biologia, questões socioambientais e de saúde Trabalhos que construam interlocuções do ensino de Ciências e Biologia com a Educação Ambiental, com a Educação em Saúde, com a Educação do Campo/Quilombola/Indígena, com as abordagens CTS/CTSA/PLACTS ou com outras perspectivas e práticas pedagógicas que tragam os saberes socioambientais para dialogar com o ensino de Ciências e Biologia.

7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia

Trabalhos que discutam e valorizem os espaços de promoção das diversidades, lutas contra opressões e de respeito às diferenças no ensino de Ciências e Biologia. São exemplos de temáticas compatíveis com esse eixo: corpos, gêneros e sexualidades; questões étnico-raciais; educação antirracista; decolonialidade; atendimento educacional especializado; educação especial; inclusão em educação.



Há muitos jeitos de se ensinar Ciências e Biologia e será no **X ENEBIO** e **X EREBIO Nordeste** que eles se encontrarão em formações, debates e socializações de conhecimentos e práticas! Para quem quiser adiantar a redação dos seus textos, com essas informações já é possível desenvolver as ideias e elaborar os trabalhos para a submissão, que começará em breve!

Esperamos todas e todos ano que vem em João Pessoa! Em caso de dúvidas, ou para mais informações, entre em contato com a secretaria do evento via *e-mail* (enebiojampa@gmail.com).

Saudações sbenbianas! Nos vemos em João Pessoa!

Comissão Organizadora do X ENEBIO e X EREBIO – Nordeste
Diretoria e Conselho Deliberativo da Regional 5 da SBEnBio
Diretoria Executiva Nacional da SBEnBio

APÊNDICE 2

Roteiro da Entrevista



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA

1. Quem é você?
2. Considerando sua identidade de gênero quem é/era você na escola?
3. Você se sentia acolhido ou pertencente ao ambiente escolar?
4. Como você descreve a sua relação com a comunidade escolar: professores, alunos, direção, funcionários?
5. Existem/existiam outras pessoas como você na escola?
6. Como você gostaria que tivesse sido/fosse a sua trajetória escolar?
7. Relate um episódio que foi marcante para você na escola
8. Considerando manter o seu anonimato, por qual pseudônimo você gostaria de ser citado no trabalho? (no trabalho)

APÊNDICE 3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - Dados de identificação do Projeto e dos Pesquisadores Envolvidos

Título do Projeto: Transcrevendo vivências: relatos de pessoas trans na educação básica

Pesquisadores Responsáveis:

Profa. Sandra Nazaré Dias Bastos/UFPA- IECOS-PPLSA/Campus Universitário de Bragança

Liz Bardo/UFPA/Campus Universitário de Bragança

Telefones para contato:

(91) 98179-6426 (Sandra)

(91) 98554-7739 (Liz)

II - Dados de Identificação do Voluntário

Nome: _____ **Idade:** _____ anos

Número do Documento de Identidade: _____ **Órgão Emissor:** _____

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa “Transcrevendo vivências: relatos de pessoas trans na educação básica”, sob a responsabilidade da pesquisadora Sandra Nazaré Dias Bastos (FBIO/IECOS/UFPA).

A presente pesquisa está relacionada ao Trabalho de Curso de Liz Bardo, estudante regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UFPA/Campus de Bragança). Tal projeto tem como objetivo principal discutir e analisar narrativas de pessoas transmasculinas para analisar a vivência destes corpos ao longo de sua trajetória escolar. **Para isso, os dados serão levantados por meio de uma entrevista (que será gravada em áudio) e que obedecerá a um roteiro semiestruturado de perguntas. Informamos que em nenhum momento as respostas fornecidas serão modificadas, alteradas ou passarão por qualquer tipo de crítica ou avaliação. Ressaltamos ainda que sua participação é voluntária, e que o consentimento para participação nessa pesquisa pode ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos para as partes envolvidas. As informações fornecidas são sigilosas e para garantir a privacidade de sua identidade, seu nome não será mencionado no relatório de nossa pesquisa.**

Eu, _____,
(nome do voluntário)

portador do documento de identidade nº _____, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Bragança, ____ de _____ de 2025.

Assinatura do voluntário

Sandra Nazaré Dias Bastos
(Professora Orientadora)

Testemunha

Liz Bardo